

# Um homem de perfil

por José Cardoso Pires

**S**ENTADO num tabac da Place de la Sorbonne... Sentado, e com a sua boina à espanhola e o seu perfil de pássaro, é como eu o vejo ainda agora que acabo de saber da sua morte. E sempre de perfil mas não um perfil altaneiro, pelo contrário. Soromenho, o meu amigo Soromenho, era um tronço de azinho precocemente envelhecido. Um corpo sem nada a mais — nem a lisonja nem a exteriorização da amizade sentida. Só pele e osso. E uma extraordinária coragem dentro dele. Poucas pessoas conheci que tivessem sofrido com tanto orgulho e tamanho silêncio de si próprios; e quando me lembro daquele olhar directo e reduzido à essência de um ponto concentrado por detrás dos óculos, quando me ponho a rever o nosso tempo de convívio aqui, à mesa da pastelaria Paraíso até ao nosso último encontro no Havre, en-

contro-me diante de um homem de um infinito pudor. Pudor por ele e pelo semelhante. Um amigo que evitava a palavra amizade como os poetas exigentes evitam certas rimas, mesmo quando espontâneas.

**N**ENHUM escritor português deste tempo foi tão castigado como ele por tantos e sucessivos golpes do destino. Doente, sempre a carregar o fantasma de uma asma, Castro Soromenho suportou nos últimos anos de vida as mais desesperadoras aventuras. Mas encontrei-o no Havre, meses antes de partir para o Brasil, e era o mesmo de sempre. O Havre varrido pela ventania, a vida destroçada por rajadas de infórtunio, e ele, sózinho numa cidade marítima voltada para a frigidéz da Mancha. Sereno, como sempre; e sem um queixuma.

Nessa tarde lembro-me de que quando descemos a um café do cais ficámos longos minutos sem trocar palavra. Eu sabia, ou avaliava através do muito que conhecia, os sofrimentos que tinha suportado mas por nada deste mundo seria capaz de rasgar aquele silêncio, porque o tal pudor, o terrível e admirável pudor que fazia dele o homem de perfil que eu tanto admirava, impunha pudor aos outros.

Falámos então de **A Chaga**, o romance que Soromenho ia redigindo para a Gallimard, ali, pelos **bistrots** agressivos da cidade, longe da mulher e dos filhos pequenos. Falámos de livros e de amigos, mas pouco dele ou quase nada. A certa altura vi-o tirar os óculos e limpar as lentes naquele gesto demorado que tão bem lhe conhecia. E então, estranhamente, ouvi-o murmurar:

«Há gente, calcule você, que

Castro Soromenho  
em Lisboa 1968



ainda pergunta onde é que eu vou buscar as minhas forças.» Segurou os óculos diante dos olhos: «É nisto... No que tenho visto á minha custa. E ainda hei-de ver muito mais, disso não tenho eu dúvidas.»

**Q**UERO falar do escritor mas é o homem que se me apresenta com uma saudade obstinada na memória. Vejo a

Estelinha, a filha do Soromenho, a chegar no Sud pela mão de um casal idoso para ser entregue a um casal amigo. A mãe ficou em Paris, internada á pressa num sanatório, e o pai num quarto de hotel com dois filhos de poucos anos.

«Mando-lhe aqui a minha querida Estelinha», diz-me a carta que a pequenita traz

dentro do passaporte. E é tudo, ou quase tudo porque termina com uma frase apenas: «Desculpe não escrever mais. Não posso.»

Eu vejo o papel, vejo a criança que está no cais — agora sózinha, ao lado de uma mala — e também não consigo dizer, logo de entrada, seja o que for. Lembro-me de Estelinha, há sete ou oito anos, quando era ainda de colo; encontro-a agora aqui, parada num cais, com a naturalidade de um acontecimento banal e penso no pai, a esta hora longe da pátria, sufocando a dor da separação.

E a dor de Estelinha, a dor que ela traz consigo através destes milhares de quilómetros que a separam da família? Ontem ainda brincou talvez com os irmãos e agora aqui está á mercê de um novo destino. Os seus nove anos permitem-lhe avaliar a grandeza da renúncia que os pais acabam de fazer? E o nosso saber de homens permitirá adivinhar a maravilhosa coragem de uma alma infantil atirada para longe pelas sortes da vida?

Deixamos a estação. No carro procuro conversar, dizer seja o que for de casual, de

coisa despreocupada que torne menos dramático este encontro. Está um dia de sol, uma alegria nas ruas e nas avenidas que nos isola ainda mais (a mim e a ela) dos outros, da existência normal que nos rodeia. Estelinha, a meu lado, observa tudo. Sorri quando ultrapassamos uma camioneta com cartazes do Parque Mayer e no Marquês de Pombal aponta para uma das transversais:

«Olha! Era ali que a gente morava, não era?»

Senhores, a aliança dos pais e dos filhos é uma força misteriosa. Estelinha não tem um queixume, não conhece uma

explicação concreta para a aventura que lhe foi imposta, mas aceita-a, confiada de que é necessário e inevitável. Foi o pai que lho disse (e sabe-se lá com que palavras...) e foi ele próprio que a entregou ao **sud-express** com uma mala e um passaporte. E isso basta, porque as crianças sabem assumir com nobreza as responsabilidades mais pesadas.

Assim, a filha do meu amigo distante atravessa comigo a cidade a caminho de uma nova família. Conversamos pouco, mas também sem silêncios pesados. Mas antes de entrarmos em casa, Estelinha esten-

de-me o passaporte, a cédula e os documentos escolares; e diz-me, muito séria:

«Toma. O pai explicou-me que agora eras tu que tomavas conta disto.»

Peguei nos documentos e nesse instante senti que a mão dela se agarrava á minha como se fôssemos dar um longo passeio. Tive vontade de lhe a apertar, mas segurei-a apenas.

Hoje que o meu amigo desapareceu para sempre acho que fiz bem. Que tivesse deixado ficar a minha mão na mão de Estelinha como se realmente fôssemos dar um grande passeio.